

INFLUÊNCIA DA TERAPIA MEDIADA POR CÃES PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA EM CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS¹

Aline Daniele Colombo Mossmann²

Ceres Berger Faraco³

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender a repercussão de interações terapêuticas, mediadas por animais, sobre o desenvolvimento de empatia em crianças institucionalizadas. Observaram-se crianças em suas habilidades para ouvir e manifestar interesse por outros, além de compreender se as crianças identificavam os sentimentos de outros. Participaram da pesquisa cinco crianças, com idade entre seis e oito anos, e institucionalizadas na Apromin, em Taquara-RS. Esta condição, segundo as autoridades de proteção à infância, ocorreu por abandono e negligência familiar. A abordagem metodológica é quali-quantitativa, e os instrumentos utilizados foram: Escala de Empatia para crianças e adolescentes (BRYANT, 1982) pré e pós-intervenção, anotações em diário de campo e registro audiovisual em vídeos. Para análise da escala, foram utilizados o Teste t de Student e, para análise do diário de campo e dos vídeos, usou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Os resultados demonstraram que houve um incremento no desenvolvimento da empatia dos participantes.

Palavras-chave: Terapia Mediada por Animais. Empatia. Institucionalização. Criança.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da terapia mediada por animais e sua conexão com empatia em crianças e tem por objetivo compreender se o processo de interações terapêuticas mediadas por animais repercute sobre o desenvolvimento de empatia em crianças institucionalizadas, expressando habilidade de ouvir, manifestar interesse e identificar o sentimento do outro.

Conforme estudo de Bogado e Faraco (2009), a terapia, mediada por animais, promove, em crianças institucionalizadas, a superação de inseguranças, o envolvimento entusiasmado em tarefas propostas e o incremento de interações sociais. Neste sentido, tal estudo motivou a escolha pelo tema e o interesse em examinar a influência da terapia mediada por animais para o desenvolvimento de empatia em crianças institucionalizadas.

Além disso, muitas crianças, antes de entrarem para uma instituição, enfrentaram diferentes situações de risco, que podem causar distúrbios emocionais, problemas de conduta

¹Artigo de pesquisa, apresentado ao Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão II.

² Acadêmica do Curso de Psicologia da FACCAT. Endereço Postal: Rua Machado de Assis, 392, Igrejinha-RS. Email: alinecolombo@hotmail.com

³Veterinária, Doutora em Psicologia na PUCRS, Docente do Curso de Psicologia da FACCAT e orientadora do Trabalho de Conclusão. Endereço Postal: Avenida João Wallig, 687- B - 201, Porto Alegre-RS. Email: ceresfaraco@gmail.com.

e no desenvolvimento. Dentro desta perspectiva, é de extrema importância o desenvolvimento de habilidades sociais, visto que qualquer interação social bem sucedida auxilia a criança a conviver com as pessoas e a ajuda no desenvolvimento de uma habilidade muito importante, que é a empatia.

Desta forma, os animais podem ser um facilitador social para as crianças, pois ajudam a desenvolver a capacidade de se relacionar com outras pessoas e de lidar com aspectos não verbais, aprendendo, então, a observar e interpretar a linguagem dos gestos, as posturas e os movimentos (GARCIA, 2000). Embora o número de estudos sobre a interação entre humanos e animais em outros países seja crescente, no Brasil, ainda é pouco explorada a utilização de animais como mediadores em trabalhos terapêuticos. Porém, os dados, obtidos em pesquisas pioneiras, sugerem a necessidade de novas pesquisas (BEGOSSI, 1993 apud SILVA; FARACO, 2009).

Portanto, a relevância deste estudo deve-se ao fato de ser um tema atual e que tem se mostrado benéfico, sendo que a psicologia tem buscado diferentes alternativas para proporcionar uma melhoria na qualidade de vida das pessoas. Visto o exposto, não há dúvidas de que muito se tem a ganhar no que se refere ao estudo sobre o tema que desencadeou a pesquisa, principalmente, se consideramos a necessidade destas crianças se vincularem com outras pessoas. Para tanto, neste artigo, a temática é abordada de forma mais abrangente, articulando questões relacionadas à institucionalização, empatia e terapia mediada por animais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Crianças institucionalizadas

A família é de grande importância na vida do indivíduo, pois é nela que a criança aprende as normas, os valores sociais, culturais e emocionais, contribuindo, assim, para a sua autonomia. Conforme Hutz (2005) são, nas relações e nos vínculos estabelecidos entre a criança e as figuras importantes de seu ambiente, que serão formadas as primeiras identificações e desenvolvidas as características comportamentais de exploração do ambiente, a capacidade de autonomia e a regulação emocional. No entanto, a falta de estruturação familiar pode provocar a violência, o abuso e a negligência dos pais em relação aos filhos, e conseqüentemente, o abandono. Benetti, Silva, Valentini, Fonini e Pelizzoni (2005) salientam que a situação de abandono pode acontecer antes mesmo da separação física entre pessoas.

Partindo disto, o abandono pode ser definido como a omissão de cuidados e de atendimento às necessidades físicas e emocionais da criança, juntamente com outros maus-

tratos (SANCHEZ; MINAYO, 2004). Segundo Pino (1989), o abandono aparece como sinal de uma série de fatores negativos, como a falta de interesse pela prole, a ausência de moral, a desunião conjugal, a vida irregular, os conflitos, as brigas, o consumo de substâncias ilegais, etc.

O abandono e a violência, por parte dos pais ou responsáveis, acabam sendo os principais motivos que levam crianças para instituições. De acordo com Loos, Ferreira e Vasconcellos (1999), a violência dentro das famílias e as situações de risco são as principais causas que promovem a institucionalização infantil. Quando a família coloca em risco o desenvolvimento e o bem-estar da criança, são necessárias medidas de proteção, sendo que, atualmente, o abrigo é uma medida de proteção provisória, preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990). Apesar de ser estabelecida pelo ECA, nota-se que as instituições tornam-se lugares permanentes para muitas crianças e não transitórios.

Noal e Neiva-Silva (2007) afirmam que, quando uma criança chega à instituição, é porque, geralmente, já sofreu todo tipo de abandono, ficando para esta a difícil tarefa de tentar fortalecer o comportamento pró-social. As crianças e os adolescentes, encaminhados para uma entidade de abrigo, chegam fragilizados, necessitando de cuidado e atenção, cabendo à instituição oferecer todas as formas de apoio e atenção para o desenvolvimento destas crianças.

Conforme alguns autores, o atendimento, oferecido pelas instituições, em alguns, casos, torna-se melhor para a criança do que a situação adversa que esta viveu na família, ou seja, o abrigo se torna a melhor forma de ajudar a criança a recuperar-se, proporcionando a ela, desta maneira, o crescimento psicológico (DELL'AGLIO, 2000; CLARKE; CLARKE, 1976, apud SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2007). Mas percebe-se que as instituições ainda não conseguem lidar com todas as demandas.

Por melhor que seja o abrigo, sempre será um lugar com características de uma instituição e não de um lar. Por isto, muitas vezes, a permanência precoce em uma instituição de abrigo pode prejudicar o desenvolvimento das crianças, visto que esta não encontra um ambiente acolhedor, no qual possa conversar sobre seus sentimentos e conflitos, diminuindo as chances de a criança desenvolver comportamentos empáticos. Segundo Costa (1993), crianças institucionalizadas são tristes, deprimidas, angustiadas, de futuro incerto e estão sempre à procura de migalhas de amor e ternura.

1.2 Empatia

A etimologia da palavra “empatia” vem do grego *em-pathos* e relaciona-se com a capacidade de se colocar no lugar do outro, de compreender os seus sentimentos, sem se confundir com as outras pessoas (SOAR FILHO, 1998). O conceito de “empatia”, ao longo da história, recebeu várias definições e regras, sendo que diferentes pensadores preocuparam-se em dar conta deste termo. Empatia é definida primordialmente por Rogers e Rosenberg (1977, p.73) da seguinte maneira:

um processo de penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam nesta pessoa em relação aos significados que ela percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ou ao que quer que ele/ela esteja vivenciando. Significa viver temporariamente sua vida [...] Sem julgar [...] Implica transmitir a maneira como você sente o mundo dele/dela à medida que examina sem viés e sem medo os aspectos que a pessoa teme.

Na perspectiva cognitivista, a empatia pode ser definida, conforme Del Prette e Dell Prette (2001), como a capacidade de apreender sentimentos e identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão e sentimento. Maturana (2002) enfatiza que a relação com o outro implica a aceitação do outro como legítimo na convivência. Ou seja, para o autor, só há relações sociais, quando se aceita a outra pessoa como ela é. Neste sentido, a habilidade de compreender se torna importante, mas é preciso também demonstrar esta compreensão por meio de comportamentos abertos, juntando, portanto, o componente da comunicação (GOLDSTEIN; MICHAELS, 1985).

Portanto, durante a interação social, a habilidade empática pode ocorrer em duas etapas. O primeiro ocorre quando o indivíduo que empatiza está envolvido em compreender os sentimentos e as perspectivas da outra pessoa e experiênciá-los o que está acontecendo com ela naquele momento. O segundo consiste em comunicar este entendimento de forma sensível (GREENBERG; ELLIOTT, 1997). A comunicação não é apenas uma questão de linguagem, mas também o ser capaz de avaliar o que a outra pessoa pensa ou sabe e ajustar o que se diz de acordo com isso (STROMMEN, FITZGERALD; MCKINNEY, 1986). Rogers e Rosenberg (1977) igualmente enfatizam a importância da comunicação e não apenas da tradicional comunicação verbal, como também da não verbal que pode ser expressa por meio dos olhos, da postura, da entonação vocal, dos gestos, dos movimentos e da expressão facial.

O comportamento empático pode trazer muitos efeitos positivos na socialização das crianças e, por este motivo, muito pesquisadores têm-se voltado para a investigação de seu desenvolvimento. Algumas pesquisas mostraram evidências de que, em algum momento, próximo ao segundo aniversário, as crianças começam a dar sinais de empatia, os quais

umentam, em frequência e clareza, entre o segundo e o terceiro aniversário (ZAHN–WAXLER; RADKE–YARROW, 1990 apud NEWCOMBE, 1999). As variáveis ambientais igualmente favorecem o seu desenvolvimento, juntamente com o contexto em que a criança está inserida. Para Motta, Falcone, Clark e Manhães (2006), as variáveis ambientais que favorecem o desenvolvimento de empatia se relacionam a um contexto que oferece à criança uma variedade de oportunidades, para experimentar e expressar diferentes emoções e que satisfaz às suas necessidades físicas e emocionais, desestimulando a preocupação excessiva por si mesma.

Conforme Silva e Faraco (2009), contrapondo-se às atitudes empáticas, encontram-se os *déficits* de empatia, ou seja, quando não há manifestação empática. Estudos recentes demonstram haver uma relação entre lesões na região pré-frontal do córtex, especialmente a localização no hemisfério direito, e a capacidade de sentir empatia pela outras pessoas (DECETY; JACKSON, 2004). A explicação para esse déficit pode estar ligada ao fato de algumas regiões do córtex pré-frontal estarem altamente relacionadas a mecanismos autorregulatórios da vida em sociedade e a capacidade de tomada de perspectiva, os quais são importantes componentes da empatia (DAMASIO, 2007; BUTMAN; ALLEGRI, 2001)

Outro fator que pode influenciar os *déficits* de empatia em crianças são as experiências de abusos e negligência. Cabe destacar que a violência e a agressividade envolvem *déficit* de empatia do agressor e, ao produzir dano ao outro intencionalmente, este não se sensibiliza nem reconhece o medo ou o pavor desse outro (DEL PRETTE; DELL PRETTE, 2003). Sendo assim, o desenvolvimento de empatia depende também do contexto familiar e das condições de socialização da criança. Os *déficits* de empatia mostram um contexto inadequado de socialização que, conforme Del Prette e Del Prette (2003), se dão pela oportunidade insuficiente de aprendizagem de habilidades interpessoais e de valores de não violência, bem como a de lidar com a própria agressividade.

De acordo com Garcia-Serpa, Meyer e Del Prette (2003), responder empaticamente às pessoas facilita o estabelecimento de vínculos interpessoais. Logo, é de extrema importância que todas as crianças possam ser estimuladas para o desenvolvimento da empatia, estando em instituições ou não.

1.3 Terapia mediada por animais

Desde os tempos primórdios os seres humanos já conviviam com animais. Segundo Faraco (2003), a associação entre o homem e os animais está registrada e presente nas mais variadas sociedades e culturas. Hoje é difícil encontrar pessoas que não possuam algum tipo

de animal, sendo várias as formas de relacionamento humano-animal. Os animais têm sido importantes aos humanos para o transporte, a vestimenta, a caça, a alimentação bem como animais de estimação (SANTOS, 2008). Conforme Miotti e Antoni (2007), a diversidade da relação humano-animal se estendeu, também, para as práticas terapêuticas, na medida em que se percebeu que a presença e a interação com animais provocam o bem-estar.

A participação de animais em programas terapêuticos tem uma longa história, mas o seu uso extensivo, documentado e organizado, é relativamente novo (FARACO, PIZZINATO, CSORDAS, MOREIRA, ZAVASCHI, SANTOS, OLIVEIRA, BOSCHETTI, MENTI, 2009). A terapia mediada por animais é uma prática, em que o animal pode ser considerado uma das partes principais do tratamento. O seu objetivo é promover a melhoria social, emocional, física e/ou cognitiva das pessoas, o qual parte do princípio de que o amor e a amizade que podem surgir entre seres humanos e animais geram inúmeros benefícios para ambos (MACHADO, ROCHA, SANTOS; PICCININ, 2008).

Neste sentido, são perceptíveis os benefícios da terapia mediada por animais, tanto para a saúde fisiológica como para a psicológica. Em relação às melhoras físicas, pode-se citar a estabilização da pressão arterial, a diminuição de dor, a melhora na fala e na mobilidade em geral, o aumento do cuidado pessoal e da autoestima (MIOTTI; ANTONI, 2007). Cabe lembrar ainda que a terapia mediada por animais é aplicada também em crianças com déficit de desenvolvimento (BOGADO; FARACO, 2009).

Esta técnica pode ser muito indicada para crianças, pois de acordo com pesquisas, é frequente encontrar animais de estimação em lares onde há uma criança (MESSENT; HORSFIELD, 1985). Miotti e Antoni (2007) salientam que as crianças percebem o animal como um amigo especial, provedor de interações sociais, afeição e suporte emocional. Esta interação pode trazer benefícios emocionais como: espontaneidade em demonstrar afeto, diminuição da ansiedade, restabelecimento de vínculos de confiança e amizade, exercício de recuperação de memórias afetivas e diminuição de solidão (DOTTI, 2005).

Os animais podem, através de sua presença, contribuir para a redução da ansiedade em crianças pequenas, distantes dos cuidados maternos, tornando-se estes, para elas, um elo com o mundo externo (FARACO, 2003). Eles são facilitadores sociais, pois, de acordo com Corson, Corson e Gwynne (1975), os animais parecem capazes de obter respostas sociais positivas, facilitando a comunicação entre paciente e terapeuta, sendo que, muitas vezes, com outras abordagens não se consegue a mesma resposta. Os animais também podem ser muito semelhantes aos humanos, conseguindo apresentar comportamentos pró-sociais e afetos positivos, ser de grande ajuda para mediar às interações e tornar o ambiente terapêutico

confortável, além de não representarem uma ameaça aos seres humanos (SERPELL, 1996).

Os animais podem contribuir para o desenvolvimento social e emocional, como a empatia. Becker (2003) diz que, quando as pessoas convivem com animais, tornam-se mais sociáveis, interagindo melhor com outras pessoas. Esta evidência justifica a integração dos animais com crianças em situação de risco que se encontram em instituições. Bryant (1985) descobriu que as crianças que possuíam animais conseguiam expressar empatia para com os outros. Sendo assim, ao integrar estes animais nas instituições, pode-se estar contribuindo para que as crianças que, muitas vezes, vieram de famílias, nas quais não encontraram nenhum tipo de suporte, consigam, nas instituições, desenvolver aspectos sociais e emocionais.

2 MÉTODO

O presente estudo trata de uma pesquisa de natureza quali-qualitativa que, conforme Godoy (1995), tem como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural.

O delineamento da pesquisa é o de estudo de caso (DUHÁ, 2007), o qual consiste na criação de categorias conceituais para ilustrar, defender ou desafiar pressupostos teóricos ou para explicar os fenômenos (YIN, 2001). Segundo Cozby (2003), um estudo de caso fornece uma descrição de um indivíduo, sendo que este pode ser uma pessoa, um grupo e/ou um ambiente, como uma escola ou uma vizinhança.

2.1 Participantes

Deste estudo, participaram cinco crianças entre seis e oito anos de idade, de ambos os sexos, institucionalizadas na Associação de Proteção à Maternidade e à Infância – Apromin, situada em Taquara no Rio Grande do Sul e indicadas por profissionais da Instituição. O critério para ingresso das crianças como participantes foi a insuficiência de habilidades sociais, expressa por: desinteresse para com os outros, dificuldades em oferecer ajuda ou compartilhar e incapacidade de reconhecer os sentimentos do outro.

Os animais que participaram deste estudo foram cães voluntários, selecionados por uma médica veterinária, que eram previamente hígidos e com controle sanitário, bem como comportamental. Eles eram trazidos pelos donos para a instituição somente nos dias dos encontros. A equipe de intervenção foi composta pela pesquisadora, co-terapeuta, duas psicólogas e uma cinegrafista.

2.2 Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos para a coleta de dados:

a) *A escala de empatia para crianças e adolescentes – EECA (Ver apêndice A):* é um instrumento desenvolvido por Bryant (1982), que tem como objetivo avaliar a empatia em crianças, principalmente nos aspectos emocionais e, com menor ênfase, os cognitivos, relacionados ao reconhecimento cognitivo e à tomada de perspectiva do outro. A escala foi padronizada e validada para utilização em crianças e adolescentes brasileiros, de nível socioeconômico baixo (KOLLER, CAMINO; RIBEIRO, 2001). O teste possui 22 itens que devem ser respondidos com “sim” ou “não”. Respostas empáticas são pontuadas com um ponto, as não empáticas, com zero pontos, sendo que, quanto maior o número de pontos obtidos, maior é o nível de empatia. Para fins deste estudo, a escala foi aplicada pré e pós-intervenção.

b) *Diário de campo:* constitui uma ferramenta importante para a coleta de dados, pois foi uma forma de complementação das informações sobre o cenário, onde a pesquisa se desenvolveu, permitindo registrar as observações, as percepções e as reflexões sobre expressões verbais e ações do sujeito (TRIVIÑOS, 1990).

c) *Registro audiovisual:* houve o registro em vídeos para observação e análise posterior (FARACO, 2008), garantindo uma preservação da situação original, a qual pode ser revisada pela pesquisadora todas às vezes necessárias, para análise dos dados (KREPPNER, 2001).

d) *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:* foi elaborado um modelo adequado para este estudo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi submetido para a direção da Apromin, visando a obter consentimento para a realização da pesquisa.

2.3 Procedimentos para coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT. Posteriormente, foi realizado contato com a instituição Apromin, com a finalidade de fornecer informações a respeito dos objetivos da pesquisa e a forma de participação, além de assegurar o caráter sigiloso de tratamento das informações obtidas, bem como solicitar o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Uma vez obtido o consentimento, foi aplicado individualmente, em cada criança, a Escala de Empatia para crianças e adolescentes (EECA) no momento T1 de pré-intervenção. Após iniciaram as intervenções, realizadas na própria instituição, uma vez por semana e com duração de aproximadamente cinquenta minutos. No início do encontro, foi proposta uma atividade em grupo com as crianças que precedia a visita dos animais. Esta atividade era

constituída por conversa e jogos, com conteúdo teórico relacionado aos animais, e tinha por objetivo facilitar a interação entre as crianças e a pesquisadora.

Todos os encontros começaram com um breve *rapport*, procurando retomar a finalidade do encontro e os cuidados necessários com os animais, assim como outras combinações necessárias para o desenvolvimento das atividades (FARACO, 2010). A seguir, foram iniciadas atividades relacionadas com animais, sendo que os cães entravam na sala somente na última parte da intervenção.

Durante as visitas dos animais, a pesquisadora observou as crianças, as suas reações, os seus comportamentos e as suas atitudes, registrando os acontecimentos, por escrito, em um diário de campo, sendo que todas as intervenções foram gravadas em vídeos e contaram com a participação de uma co-terapeuta, cinegrafista e voluntários com seus cães. A seguir, encerramos as sete intervenções e foram reaplicados os instrumentos no momento T2.

2.4 Procedimentos para a análise dos dados

Os dados, coletados da escala de empatia pré e pós-intervenção (T1 e T2), foram tabulados no programa informático de análise estatística SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 15.0, sendo que os resultados obtidos foram considerados em conjunto com os demais na abordagem qualitativa. A análise de dados do presente trabalho foi realizada através do teste não-paramétrico, o Teste t de Student.

Os registros das observações em diário de campo foram feitos de maneira cursiva, e a análise destes dados foi realizada através da leitura sucessiva, com a fundamentação teórica servindo como base para interpretações dos resultados. Os registros áudio-visuais foram submetidos à análise dos trechos categorizados, para contrastar e enriquecer as notas de campos, os qual permitiram perpetuar os fatos na sua sequência e em tempo real. Os registros de todas as observações foram examinados, conforme o modelo de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Esta análise é composta por uma sistematização de procedimentos objetivos de descrição do conteúdo de falas, imagens, textos e outros produtos que possam evidenciar as condições de produção. A técnica inclui as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Na pré-análise, ocorre a leitura flutuante, bem como a elaboração de indicadores que possam fundamentar os recortes do texto/imagens em unidades de significado, de forma a permitir a categorização destas unidades para a análise (BOGADO; FARACO, 2009). Categorizar é agrupar dados comuns, tendo em vista a semelhança ou a analogia entre os recortes, originando categorias temáticas (BOGADO; FARACO, 2009).

Os registros escritos foram analisados na íntegra, ao ser realizada a leitura, com vistas à identificação de unidades de interesse para o presente estudo. As intervenções, gravadas em vídeos, foram transcritas e analisadas, assim como sofreram recortes em trechos selecionados a partir do sistema prévio de categorização. A categorização foi apoiada no proposto por Del Prette e Del Prette (2009) sobre a empatia, definindo as seguintes categorias: (1) *comunicação verbal* (fazer e responder perguntas); (2) *atenção para com pessoas ou com o cão*; (3) *expressa compreensão pelo sentimento ou experiência do outro*; (4) *oferecer ajuda*; (5) *demonstrar interesse e preocupação pelo outro*; (6) *ouvir o outro*; (7) *compartilhar*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pode-se perceber, por meio da análise de todos os registros, utilizados nas intervenções, e do instrumento de avaliação, que a terapia mediada por cães auxiliou no desenvolvimento de habilidades sociais dos participantes, resultando no engajamento destes, cada vez maior, nas atividades propostas pela pesquisadora e no aumento da empatia dessas crianças.

Estão presentes alguns trechos dos registros do diário de campo e do registro audiovisual das intervenções que foram selecionados para apresentar as mudanças graduais no comportamento dos participantes que conseguiram, aos poucos, se incluir nas atividades propostas e se colocar mais no lugar dos colegas evitando, a partir disto, agredi-los, desrespeitar as regras, rejeitar o contato social e também permanecer distante da interlocução. Os trechos das observações e verbalizações das crianças serão apresentados, utilizando-se códigos (S1, S2, S3, S4 e S5), a fim de manter o anonimato sobre a identidade dos sujeitos.

Analisando as categorias, juntamente com o aporte teórico pesquisado, observa-se que a primeira delas, *comunicação verbal*, se fez presente. Segundo os autores Pimentel e Júnior (2009), esta categoria pertence à empatia e se constitui como um modo de comunicação entre sujeitos, que acontece independentemente da interação consciente. Permitindo, assim, que se estabeleça um tipo de troca subjetiva sem a intenção da fala e, como consequência, do impacto desta troca, podem ocorrer modificações na experiência dos sujeitos.

Percebeu-se, portanto, que alguns participantes tiveram dificuldade em demonstrar esta habilidade nas primeiras duas sessões. A fala dos participantes S2 e S3 exemplifica esta observação:

S2: “[...] quando alguma criança do grupo tentava conversar com S2, este não se comunicava e também não demonstrava gestos ou expressões faciais que pudessem demonstrar algum interesse em se comunicar”

S3: “[...] S3 ficou deitada em um colchão, negando-se a conversar com qualquer pessoa, virando o rosto, quando alguma criança tentava conversar com ela”.

Os relatos dos participantes S2 e S3 mostram certa dificuldade desses em se comunicar de forma verbal e não-verbal, condição que vai ao encontro do que os autores Rogers e Rosemberg (1977) dizem a respeito da importância da comunicação verbal para expressar a empatia. Eles enfatizam que a comunicação também pode ser não verbal, expressa mediante comportamentos de comunicação, por meio dos olhos, da postura, dos gestos, dos movimentos e da expressão facial.

Já, a partir da terceira intervenção, começamos a observar que o participante S2 estava expressando sua habilidade de comunicação verbal, sendo que esta foi intensificando a cada encontro, o que fica evidente nos dois relatos que seguem:

“[...] enquanto pintava, S2 conversou bastante com as meninas do grupo, fazendo brincadeiras e dando nomes para os cachorros que estavam pintando”.

“[...] foi até a cinegrafista e começou conversar, questionando-a sobre a filmagem e querendo ver como se fazia”.

Conforme Greenberg e Elliot (1997), empatizar consiste em comunicar-se, de forma sensível, o seu entendimento. Desta maneira, quanto uma pessoa se comunica, ela deve se expressar de maneira que o outro possa compreender o que ela quer demonstrar, fato que ocorreu com as participantes S2, S4 e S5, como verificado nas frases a seguir:

S2: *“[...] enquanto aguardava para receber os lápis, S1 conversava com S2, demonstrando entusiasmo pela atividade, mostrando sua figura e pedindo para ver a dele”.*

S4: *“[...] S4 entrou na sala fazendo várias perguntas em relação à atividade do dia”.*

S5: *“[...] S5 conversava bastante ao longo da intervenção, principalmente com a pesquisadora, lhe fazendo várias perguntas”,* ou em como em outro relato.

“[...] durante a atividade de pintura, S5, em vários momentos, conversava com seus colegas sobre o desenho, mostrando e pedindo para ver as figuras dos outros colegas”

Quanto à categoria, *atenção para com os outros ou com o cão*, esta envolve "estar com" a outra pessoa, tanto física ou psicologicamente, mostrar interesse, adotar uma postura aberta e também procurar identificar as mensagens não verbais da pessoa alvo. Diante desta habilidade, deve-se salientar que o participante S2 não conseguiu expressar-se, na primeira intervenção, sendo possível notar que ele, em nenhum momento, mostrava interesse em interagir com a pesquisadora, fato que pode ser observada no relato em diário de campo:

“[...] quando a pesquisadora pergunta para S2 qual nome gostaria de dar para o mascote, este diz tanto faz, e, então, volta para o seu lugar e fica sozinho, evitando ficar com o grupo”

Através deste relato, percebeu-se, de acordo com Del Prette e Del Prette (2009), que

mostrar interesse e atenção pelo outro faz parte da empatia, o que não ocorria com o participante. Mas, a partir da terceira intervenção, conseguimos encontrar, em S2, esta habilidade, como podemos ver:

“[...] S2 conseguiu interagir tanto com as outras crianças, como com a pesquisadora, demonstrando sorrisos, quando alguém conversava com ele”.

Podemos encontrar ainda esta habilidade na participante S4 – ela mostra que gostaria que os voluntários e os seus animais voltassem na próxima semana, como pode ser identificado por meio da seguinte passagem:

“[...] enquanto os voluntários se despediam das crianças S4, foi até o dono da cadelinha Bolinha e disse tchau, então deu um beijo na cadelinha e perguntou se eles voltariam no outro dia”.

A categoria *expressar compreensão pelo sentimento do outro* foi uma das que mais apareceu entre os participantes, porém a S1 e S3 demonstraram dificuldade em expressar esta habilidade, sendo que a S1, apesar de interagir com as crianças do seu grupo, não conseguiu compreender o sentimento de S4, dificultando a comunicação entre ambas e gerando desentendimentos, como pode ser observado em um dos trechos do relato da nota de campo:

S1: “[...] quando sua colega S4 demonstrou tristeza por não conseguir sentar no colo da pesquisadora, pedindo para S1 se poderiam trocar, S1 não aceitou, ficando irritada e braba com a colega, gerando uma discussão entre as meninas”.

Em relação a este episódio, Rogers e Rosenberg (1977) destacam que ser empático implica também ser sensível para as mudanças que se verificam na outra pessoa, ou seja, podemos notar, no trecho exposto, que a participante S1 não conseguiu compreender a tristeza da colega e, assim, não experienciou o que estava acontecendo com ela naquele momento.

Ao longo das intervenções, foi possível notar a expressão desta habilidade nas participantes S1 e S3. Como mostram os relatos:

S1: “[...] ao ver a co-terapeuta, S1 correu em sua direção para abraçar e beijar, ficando, por alguns segundos, abraçada à co-terapeuta”.

S3: “[...] ao perceber que sua colega S1 ficou chateada por não ter recebido determinada figura, S3 disse que também não tinha recebido, mas que tinha a mesma que a dela, por tanto não precisava ficar chateada”.

Em relação às outras crianças, percebemos que esta categoria apareceu em vários momentos, como destacado nos relatos dos participantes S2, S4 e S5.

S2: “[...] quando um dos cachorros se aproximou do nosso grupo, S2 sentou-se e pegou o animal no colo e, então, começou a abraçar e fazer carinho por alguns momentos”.

S4: “[...] assim que os animais entraram na sala, S4 abraçou e beijou os cães”.

S5: “[...] na entrada dos cães, S5 passeou com eles em volta da sala, beijou e

abraçou”.

Já a categoria *oferecer ajuda* pode ser considerada, quando a pessoa demonstrar interesse e iniciativa em ajudar as outras pessoas e os animais. Pode-se contatar que esta habilidade esteve presente em todas as crianças, porém algumas demoraram mais para expressá-la. Podemos perceber a existência desta categoria através dos relatos:

S1: “[...] enquanto a pesquisadora procurava os crachás das crianças, S1 pediu para ajudar a procurar”.

É possível notar, por meio do vídeo, que a participante S1 estava feliz por ajudar a pesquisadora, pois, neste dia, houve vários outros momentos em que S1 mostrou interesse, como, por exemplo:

S1: “[...] ao perceber a dificuldade da pesquisadora em manter o grupo organizado, S1 começou a ajudar na coordenação”.

Os participantes S2, S3, S4 e S5 também conseguiram manifestar esta habilidade, o que é evidenciado a seguir:

S2: “[...] S2 percebe que sua colega S1 não consegue segurar o mascote, porque estava com as duas mãos ocupadas, neste momento, ele resolve ajudar, pedindo para segurar o mascote”.

S3: “[...] enquanto as crianças realizavam a atividade proposta, S3 ajudava, buscando objetos para a intervenção e na coordenação do grupo”.

S4: “[...] S4, junto com outras crianças do grupo, se dirigiu à pesquisadora e perguntou se poderia ajudar a tirar a lona que estava na sala”.

S5: “[...] quando a pesquisadora teve dificuldades em manusear o rádio, S5 demonstrou interesse em ajudar, falando o que ela deveria fazer”.

No que tange à categoria *demonstrar interesse e preocupação pelo outro*, esta significa poder demonstrar por meio de comportamentos abertos, juntamente com o componente da comunicação atitudes que denotam tal interesse e preocupação (GOLDSTEIN; MICHAELS, 1985), como pode ser observado nos relatos abaixo:

S1: “[...] ao perceber que a pesquisadora não estava desenhando, S1 a questiona perguntando, se não gostaria de pintar também e, então, pede um desenho para a co-terapeuta e o entrega para a pesquisadora”.

S2: “[...] quando a cadelinha Dininha se dirige até o nosso grupo, acaba ficando presa pela corrente em uma almofada, neste instante, S2 percebe a dificuldade da cadela de se soltar e, então, vai até ela e a desprende”.

Quanto à participante S3, cabe assinalar que, durante uma intervenção, ela se dirigiu até a sala e disse que não participaria neste dia e, então, foi embora, o que nos faz pensar que, de certa forma, S3 estava, sim, interessada na intervenção, caso contrário não teria nos avisado. Portanto, fomos atrás dela e propusemos que ela fosse a ajudante do dia, e S3 prontamente

aceitou, demonstrando interesse pelo tema.

Outro fato importante que percebemos, durante uma das intervenções, foi a habilidade de demonstrar preocupação pelo o cão, o qual foi expresso pela participante S5, da seguinte forma:

“[...] ao perceber que uma das crianças ameaçava dar socos na cadelinha Belinha, S5 tentou, primeiro, impedir, colocando a mão na frente, mas ela notou que o menino não parava e, então, pediu ajuda para a pesquisadora”.

A participante S5 também expressou a *habilidade de demonstrar interesse pelo tema*, como por exemplo:

“[...] durante a atividade de desenho, S5 demonstrou interesse, conseguindo ficar sentada no seu grupo e pintar”.

No que se refere à categoria *ouvir*, esta não significa ser capaz de reproduzir o que alguém acabou de falar, mas, sim, dar ao outro a oportunidade de ser ouvido sem julgar, aceitando os seus sentimentos e ideias, assim a pessoa poderá sentir-se entendida, reconhecida aceita e valorizada (NICHOLS, 1995). O relato, a seguir, mostra como a participante S1 não tentou ouvir o que era dito pela pesquisadora:

“[...] quando a pesquisadora tentou conversar com S1 sobre a importância de dividir o cão que estava no seu colo com as outras crianças, ela não quis ouvir e se dirigiu até outro canto da sala, sem deixar que seus colegas tocassem no animal.

Já o participante S2, no início da intervenção, não demonstrava, com tanta frequência, esta habilidade, porém, nas últimas sessões, observamos a manifestação desta habilidade em relação às sessões iniciais, como mostra o relato a seguir:

“Quando a pesquisadora explicava a atividade que seria realizada, S2 ficou atento ao que era dito, olhando na direção da pesquisadora e ouvindo tudo com atenção”.

A participante S3 foi a que mais teve dificuldades em ouvir, mas conseguimos notar esta habilidade em algumas intervenções:

“Enquanto dois alunos da Faccat explicavam para o grupo que não participariam mais das intervenções, S3 conseguiu parar o que estava fazendo e ouvir, demonstrando compreensão ao que era dito”.

Os participantes S4 e S5 também conseguiram desenvolver esta habilidade ao longo das intervenções, como podemos observar nos relatos a seguir, lembrando que estas duas participantes, no início, tiveram um pouco de dificuldade:

S4: Enquanto a pesquisadora explicava para as crianças sobre quais os objetos eram utilizados pelos animais e quais não eram, S4 ficou em silêncio ouvindo e, no final, expôs sua opinião sobre o que tinha sido dito.

S5: Enquanto a pesquisadora explicava o que iria ser feito, S5 ficou atenta, ouvindo e observando cada movimento da pesquisadora e, após o término da explicação, S5 concordou e participou da atividade.

A categoria *compartilhar*, no final da intervenção, já estava presente em todos os participantes, como notamos abaixo: S1:

“Enquanto S1 segurava o mascote em uma de suas mãos, S2 pede para segurar um pouco; no primeiro momento, a participante não quer dar, mas, após conversar com ela, resolve emprestar”.

Podemos destacar que, até este momento, S1 demonstrou muita dificuldade em compartilhar. A partir da terceira intervenção, o participante S2 começou a expressar, com mais frequência, esta habilidade, o qual foi visto em praticamente todas as outras intervenções, como encontramos no relato do diário de campo e no registro audiovisual em que:

S2: “[...] durante a atividade de pintura, S2 sempre que sentia a necessidade de trocar seu lápis de cor, conseguia se dirigir até uma das suas colegas e pedir para trocar”.

A participante S3, apesar de não conseguir participar de todas as intervenções, faltando em algumas delas, mostrou uma evolução no desenvolvimento da empatia. S3 foi uma das crianças que apresentou maior dificuldade em participar, sendo muito resistente, desistindo em vários momentos das intervenções. Na terceira intervenção, já foi possível notar um aprimoramento na categoria de compartilhar:

S3: “[...] enquanto pintava, sua colega pediu um lápis de cor emprestado, S3 conseguiu emprestar”.

Em relação à participante S4, em um dos trechos do diário de campo, notamos a dificuldade desta em compartilhar:

S4 “[...] após a escolha do mascote, S4 ficou irritada, porque não queria dividi-lo com os colegas, segurando forte para que ninguém pegasse”.

Ao passo que, nas próximas intervenções, observamos a mudança desta resposta:

S4: “[...] pedi para S4 deixar os outros coleguinhas também pegarem a cadelinha Bolinha, então S4 foi até S5 e entregou a cadelinha”.

O que notamos, na participante S4, é que a habilidade mais marcante foi a *expressão de sentimentos*, porém o que surpreendeu foi a *de compartilhar*, pois a participante foi muito resistente neste quesito, mas, ao longo das intervenções, percebemos que ela foi conseguindo progressivamente desenvolver esta atitude.

A participante S5 foi a que mais possuía habilidades empáticas, porém, da mesma forma como S4, demonstrou muita dificuldade em compartilhar, como pode ser visto nos registros audiovisuais e do diário de campo:

S5: “[...] S5 mostrou dificuldade em dividir a atenção da pesquisadora, pois, quando alguma coleguinha conversava com a pesquisadora do grupo, ela tentava

chamar a atenção, puxando o rosto e conversando sobre qualquer assunto”.

Mas, assim como outros participantes do grupo, S5 também conseguiu desenvolver a habilidade de compartilhar, podendo ser visto no decorrer das intervenções estes momentos:

S5: “[...] S5, em vários momentos, pediu emprestado lápis de cor para outras crianças, devolvendo e emprestando, quando não precisava mais”.

O que ficou evidente quanto à participante S5, é que, embora já tivesse desenvolvido várias habilidades empáticas, esta conseguiu aperfeiçoar, ainda mais, o seu repertório de respostas. Na última intervenção, S5 já vinha apresentando praticamente todas.

Pensamos que, talvez, esta dificuldade de algumas crianças em compartilhar seja pelo seu histórico, já que elas acabam tendo que compartilhar todos os dias a atenção de funcionários e professores da instituição com outras crianças.

Após analisar todos os diários de campo e os registros audiovisuais das cinco crianças, constatamos que houve uma evolução em seu comportamento e que todas elas desenvolveram e aprimoraram a empatia. Acreditamos que os animais proporcionaram momentos felizes às crianças, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos positivos, a troca de afeto e a sensação de conforto e bem-estar, algo que elas esqueceram, devido aos traumas que já sofreram.

A análise comparativa, realizada entre o pré e pós-teste da Escala de Empatia para crianças e adolescentes (EECA), também indicou uma melhora no nível de empatia dos participantes, ou seja, antes de iniciar a intervenção, as crianças apresentaram pontuação média de 12,00, como pode ser visto na Tabela 1. Porém, após o término da intervenção, o instrumento foi novamente aplicado, para verificar se houve alteração nas respostas empáticas, e constata-se que as crianças apresentaram uma pontuação média de 15,20, como pode ser verificado na Tabela 1. Mostra-se, desta forma, um resultado positivo, sendo que, na pós-intervenção, houve um aumento estatisticamente significativo nos pontos obtidos pelas crianças ($p < 0,05$).

Estes resultados foram analisados estatisticamente pelo Teste t de Student, obtidos a partir da aplicação dos instrumentos no momento inicial e no término da intervenção. Para análise estatística, foi utilizado o programa SPSS 15.0. A conclusão abaixo só pode ser entendida para a amostra ($n=5$), conforme é visualizado na Tabela 1.

Tabela 1 – Teste t de Student para comparações entre pré e pós no geral

	Pré	Pós	p
Média	12,00	15,20	0,01
Desvio padrão	1,73	1,30	

Essa alteração, no padrão de resposta dos participantes, pode sugerir que o procedimento de intervenção adotado auxiliou no desenvolvimento das crianças participantes, aumentando, assim, o grau de empatia das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados sugerem que a terapia mediada por animais contribuiu para o desenvolvimento da empatia, melhorando a interação das crianças, sendo que a utilização dos cães se mostrou eficaz para o trabalho terapêutico em grupo. Logo, este estudo possibilitou, de forma positiva, alcançar o objetivo desejado nesta pesquisa, que foi: compreender se o processo de interações terapêuticas mediadas por animais teria influência no desenvolvimento de empatia em crianças institucionalizadas.

Como sabemos, estas crianças, antes da institucionalização, passaram por situações de abandono, negligência e/ou violência, tendo como experiência de vida um contexto impróprio e com oportunidades inadequadas de socialização, favorecendo condições de *déficits* de empatia. Assim, este estudo foi importante para mostrar que intervenções com animais em crianças institucionalizadas podem favorecer para que elas desenvolvam diferentes tipos de habilidades além da empatia, contribuindo para que a passagem da infância até a idade adulta ocorra de forma saudável, já que as habilidades sociais são influenciadas pelo contexto social no qual ocorrem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Com base na obtenção dos dados, tornou-se possível encontrar resultados precisos, destacando que as experiências sociais que estas crianças estavam tendo no momento da interação com os cães puderam proporcionar o desenvolvimento da empatia. Neste sentido, os dados corroboram com as ideias de Caballo (2003) ao sugerir que, quanto mais experiências sociais um indivíduo tiver, maiores serão as chances de aprender com essas situações e, assim, desenvolver habilidades, como a empatia.

No que diz respeito às dificuldades, encontradas na execução deste estudo, ressaltamos o fato de que os participantes tinham a liberdade de participar ou não das intervenções, e isto interferia na constituição e no funcionamento do grupo. Outro fator limitante foi o curto espaço de tempo, já que a intervenção ocorreu em apenas dois meses e, infelizmente, em função dos feriados, o nosso tempo acabou sendo diminuído, pois, quando as crianças começaram a demonstrar, com mais frequência, as mudanças nas respostas empáticas, tivemos que encerrar esta etapa de estudos.

Podemos concluir que, apesar de ser um tema ainda pouco difundido e com poucas

pesquisas realizadas no Brasil, se torna fundamental a realização de novos trabalhos, pois há evidências de inúmeros benefícios, como os resultados encontrados neste estudo. Neste sentido, esta pesquisa contribuiu para a compreensão do processo de desenvolvimento de crianças institucionalizadas, evidenciando-se que a terapia mediada por animais é uma intervenção que poderá trazer benefícios para esta população. Sugere-se, em estudos futuros, seja investigada a reprodutibilidade destes benefícios e que sejam exploradas a obtenção dos resultados em um espaço de tempo maior.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BECKER, Marty. **O poder curativo dos bichos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz, SILVA, Marina Bohnen da ; VALENTINI, Felipe ; FONINI, Renata Iglesias ; PELIZZONI, Virginia Germann. A violência familiar na perceptiva do desenvolvimento de crianças e adolescentes. *In*: HUTZ, Cláudio Simon (Org.). **Violência e risco na infância e adolescência**: Pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005. p. 71-100.

BOGADO, Caroline Hoff Dominguez; FARACO, Ceres Berger. **Repercussão da terapia mediada por animais sobre o comportamento pró-social em criança institucionalizada**: estudo de caso. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2009.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Brasília, D.F., 1990.

BRYANT, Brenda K. An index of empathy for children and adolescents. **Child Development**, v. 53, p. 413-425, 1982.

_____. **The neighborhood walk**: A study of sources of support in middle childhood from the child's perspective. 1985. Dissertation (Monographs). Society for Research in Child Development, 1985.

BUTMAN, Judith; ALLEGRI, Ricardo. F. A cognição social e córtex cerebral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 2, p. 275-279, 2001.

CABALLO, Vicente E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CORSON, Samuel Abraham; CORSON Elizabeth O'L; GWYNNE, Peter H. Pet-facilitated psychotherapy. *In*: ANDERSON, Ronald S. (Ed.). **Pet Animals and Society**. Baltimore, MD: Williams and Wilkins, 1975. p. 19-36.

COSTA, Teresinha de Jesus Nascimento Martins da. **Criança institucionalizada**: proposta de

ação. Belo Horizonte: Editora Cortez, 1993.

COZBY, Paul. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

DAMASIO, Antonio. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DECETY, Jean; JACKSON, P.hilip. **The functional architecture of human empathy**. **Behavioral and Cognitive Neuroscience Review**, v.3, n.2, p. 71-100, 2004.

.DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das Relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: Questões conceituais e metodologia da intervenção. *In*: DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, 2003

_____. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DOTTI, Jerson. **Terapia e animais**. São Paulo: PC Editorais, 2005.

DUHÁ, André Hartmann. **Organização de equipes efetivas: Variáveis, processos e estratégia de investigação**. 2007. Dissertação (Doutorado) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

FARACO, Ceres Berger. **Animais em sala de aula: Um estudo das repercussões da intervenção mediada por animais**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

_____. **Interação Humano-Cão: o social constituído pela relação interespécie**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil, 2008.

_____. **Terapia mediada por animais e comportamento social de crianças institucionalizadas**. Taquara: FACCAT, 2010. Projeto de pesquisa.

FARACO, Ceres Berger; PIZZINATO, Adolfo, CSORDAS, Michele Casser MOREIRA, Mariana Calesso; ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer; SANTOS, Tatiane; OLIVEIRA, Vera Lucia Silva de; BOSCHETTI, Franciele Luana; MENTI, Laura de. **Terapia mediada por animais e Saúde Mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre**. Porto Alegre, 2009.

GARCIA, Agnaldo. O emprego de animais na terapia infantil. **Pediatr Mod**. n. 9, p. 26-75, 2000.

GARCIA-SERPA, Fabiola Alvares; MEYER, Beatriz Sonia; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Origem social do relato de sentimentos: evidência empírica indireta. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 1, p. 21-30, 2003.

GREENBERG, Leslie Samuel; ELLIOTT, Robert. Varieties of empathic responding. *In*: BOHART, Arthur C.; GREENBERG, Leslie Samuel (Eds). **Empathy reconsidered: New directions in psychotherapy**. Washington: American Psychological Association. 1997.

GODOY, Arilda. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOLDSTEIN, Arnold P; MICHAELS, Gerald Y. **Empathy: development, training, and consequences**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1985.

HUTZ, Cláudio Simon. **Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

KOLLER, Sílvia Helena; CAMINO, Cleonice; RIBEIRO, J' aims. Adaptação e validação interna de duas Escalas de Empatias. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 13, n. 3. 2001.

KREPPNER, Kurt. Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 97-107, Maio./Ago. 2001.

LOOS, Helga; FERREIRA, Sandra; VASCONCELLOS, Fabíola. Julgamento moral: estudo comparativo entre crianças institucionalizadas e crianças de comunidade de baixa renda com relação à emergência do sentimento de culpa **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.12, n.1, 1999.

MACHADO, Juliane de Abreu Campos, ROCHA, Jessé Ribeiro; SANTOS, Luana Maria, PICCININ, Adriana. Terapia assistida por animais (TAA). **Revista Científica Eletrônica de medicina veterinária**, Garça, n. 10, jan. 2008.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MESSENT, Peter. R.; HORSFIELD, Steve. Pet population and the pet-owner bond. **Proceedings of the International Symposium on the Human-Pet Relationship**. Vienna IEMT, 1985

MIOTTI, Úrsula; ANTONI, Clarissa. de. Terapia Assistida por animais (TAA): Alternativa terapêutica no contexto comunitário. *In*: HUTZ, Cláudio Simon (Org.). **Prevenção e intervenção e situação de Risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p. 246-273.

MOTTA, Daniele da Cunha; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; CLARK, Cynthia; MANHÃES, Alex Christian. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, set./dez. 2006.

NEWCOMBE, Nora. **Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen**. Tradução Cláudia Buchweitz. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

NICHOLS, Michael P. **The Lost Art of Listening**. New York: Guilford. 1995.

NOAL, Juliana; NEIVA-SILVA, Lucas. Adoção, adoção tardia e apadrinhamento afetivo: Intervenções em relação a criança e adolescentes vítimas de abandono e institucionalizadas. *In*: HUTZ, Claudio Simon. (Org.). **Prevenção e intervenção e situação de Risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p. 7-48.

PIMENTEL, Perla Klautau de Araujo; JUNIOR, Nelson Coelho. Algumas considerações sobre o uso da empatia em casos e situações limite. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 301-314, 2009.

PINO, Angel. Política de promoção social e exercício da cidadania – uma crítica às práticas de confinamento da pobreza. **Serviço Social e Sociedade**, ano 10, n. 31, p. 141-159, 1989.

ROGERS, Carl Rogers; ROSENBERG, Rachel Léa. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, Edusp, 1977.

SANCHEZ, Rachel Niskier; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. *In*: LIMA, Cláudia Araújo de (Coord.). **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 29-38.

SANTOS, Isabela Bertelli Cabral dos. Porque gostamos de nossos cachorros? **Revista Psique Ciência e Vida**, São Paulo, ano 3, n. 32, p. 20-25, 2008.

SERPELL, James A. **In the Company of Animals: A study of human-animal relationships**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1996.

SILVA, Daniela Manique; FARACO, Ceres Berger. **Apego com animais e o desenvolvimento de empatia em adolescentes**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2009.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Da instituição ao convívio familiar: Estudo de caso de uma adolescente. *In*: HUTZ, Claudio Simon (Org.). **Prevenção e intervenção em situação de Risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p. 99-162.

SOAR FILHO, Ercy José. A interação médico-cliente. **Revista Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 35-42. 1998.

STROMMEN, Ellen A; FITZGERALD, Hiran E; MCKINNEY, John Paul. **Psicologia do desenvolvimento: a criança em idade escolar**. Tradução Alvaro Cabral et al. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Escala de empatia para crianças e adolescentes
(EECA; Bryant, 1982)

ESCALA DE EMPATIA

Nome:..... Idade:..... Sexo:.....
Data:..... Examinador:.....

Leia cada afirmação, cuidadosamente, depois marque se a frase descreve você “SIM” ou não descreve você “NÃO”.

- | | SIM | NÃO |
|--|-----|-----|
| 1. Fico triste quando vejo uma menina que não encontra ninguém para brincar. | () | () |
| 2. Pessoas que beijam e abraçam na rua são bobas. | () | () |
| 3. Meninos que choram porque são felizes são bobos. | () | () |
| 4. Eu realmente gosto de ver pessoas abrindo presentes, mesmo quando eu não ganho um para mim. | () | () |
| 5. Ver um menino que está chorando me faz sentir vontade de chorar. | () | () |
| 6. Eu fico triste quando vejo uma menina que está sendo machucada. | () | () |
| 7. Mesmo quando eu não sei por que alguém está rindo, eu começo a rir também. | () | () |
| 8. Às vezes, eu choro quando assisto a alguma coisa triste (filme, cena, música, TV). | () | () |
| 9. Meninas que choram porque são felizes são bobas. | () | () |
| 10. É difícil para eu saber o motivo pelo qual outra pessoa fica triste. | () | () |
| 11. Eu fico chateado quando vejo um animal que está sendo ferido. | () | () |
| 12. Fico triste ao ver um menino que não encontra ninguém para brincar. | () | () |
| 13. Algumas músicas me deixam tão tristes que eu sinto vontade de chorar. | () | () |
| 14. Eu fico triste quando vejo um menino sendo machucado. | () | () |
| 15. Adultos, às vezes, choram, mesmo quando não têm motivos para estar tristes. | () | () |

16. É bobagem tratar cachorros e gatos como se eles fossem gente. () ()
17. Eu fico furioso (a) quando vejo um colega fingindo que precisa de ajuda o tempo todo. () ()
18. Crianças que não têm amigos significa que elas não querem ter. () ()
19. Ver uma menina que está chorando me dá vontade de chorar também. () ()
20. Eu acho engraçado quando alguém chora quando vê uma coisa triste. () ()
21. Eu sou capaz de comer toda a merenda sozinho (a), mesmo quando vejo que alguém está olhando para mim e querendo um pouco. () ()
22. Eu não me sinto triste quando um colega está sendo castigado pela professora por não obedecer as regras da escola. () ()